



## ALIANÇA ATLÂNTICA E O PACTO DE VARSÓVIA

Pelo Almirante de Frota, Sir Peter Hill-Norton  
Presidente do Comité Militar da OTAN

**A** apreciação das recentes alterações no equilíbrio militar entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia constitui um trabalho imenso e complexo. No presente artigo, esboçarei as tendências principais, limitando-me a alguns dos pontos mais importantes, mas estes mesmos só podem ser considerados em termos muito gerais.

### AS FORÇAS TERRESTRES

A complexidade do assunto é admiravelmente ilustrada pelo primeiro aspecto que gostaria de considerar — as forças terrestres convencionais. É difícil fazer uma comparação correta por divisões ou brigadas, porque as divisões do Pacto de Varsóvia diferem em grandeza e composição das da OTAN, e a própria OTAN não conseguiu ainda o ideal de um tipo normal da divisão. Além disso, diversos fatores — como tempo de prestação de serviço, proporção das forças de reserva para as do ativo, qualidade dos equipamentos, normas de treino, apoio logístico, capacidade de reforço, valor dos chefes, moral e motivação, e, acima de tudo, características geográficas — são elementos essenciais, sem os quais qualquer equação seria ilusória.

Sobressaem, no entanto, claramente, alguns números fundamentais. Consideremos, por exemplo, os carros de combate principais. A comparação entre os totais dos dois lados mostra uma relação da ordem de 3 para 1 a favor do Pacto de Varsóvia; este número é mais impressionante ainda quando comparado com a situação em 1971 — desde então numerosas unidades do Pacto de Varsóvia aumentaram em mais de 30% as suas forças blindadas.

Há igualmente um desequilíbrio considerável quando se consideram as possibilidades de reforço. Os Soviéticos beneficiam-se de vantagens geográficas, por terem a maior parte de suas forças concentrada a oeste do Volga. Melhoraram largamente o seu mecanismo de reforço, como o prova a rotação semestral regular de cerca de um quarto dos efetivos do grupo das forças do Pacto de Varsóvia. Em 1972, foram assim movimentados pelo ar cerca de 25.000 homens; desde então o seu número tem aumentado todos os anos, para atingir em 1974-1975 um total da ordem dos 100.000 homens. Em 1972, o tempo requerido para essa rotação era de quarenta dias; em maio de 1975 bastaram quatorze dias, recorrendo à capacidade de reserva da Aeroflot sem qualquer perturbação aparente dos horários normais. Além disso, os Soviéticos não tiveram necessidade de deslocar equipamentos no decurso destas rotações, porque todo o material necessário se encontra no local.

Esta nítida orientação no melhoramento dos meios de reforço do Pacto de Varsóvia tem uma incidência importante no tempo de pré-aviso de que poderemos provavelmente dispôr no caso de uma agressão iminente. E este intervalo de tempo poderá ainda ser reduzido se o Pacto de Varsóvia conseguir utilizar as rotações regulares das suas forças para dissimular uma concentração de forças clandestinas. No entanto, o tempo de pré-aviso é um elemento vital nos planos da OTAN, porque é durante este período que deve ser tomado um certo número de decisões capitais, incluindo a de começar a concentrar os nossos próprios reforços, muitos dos quais terão de fazer a travessia do Atlântico.

Os Estados Unidos mantêm meios maciços de transportes aéreos que são efetivamente postos à prova todos os anos nos seus exercícios Reforger. Além disso, foram empreendidos trabalhos — e deverão ser ativamente impulsionados —, com vista a fazer intervir nestas operações as agências civis na Europa, a fim de aumentar o potencial militar em todos os aspectos do reforço e do apoio logístico.

O meu segundo ponto é que para podermos fazer face eficazmente às forças convencionais soviéticas, que são superiores às nossas, devemos ser capazes de responder rapidamente a qualquer agressão e de movimentar rapidamente as nossas reservas. O estudo em curso do Supremo Comando Aliado da Europa, sobre o emprego mais flexível das forças aliadas, ataca esta questão, e estão sendo desenvolvidos esforços com êxito no sentido de melhorar as nossas forças terrestres, aumentando a relação entre as forças de combate e os serviços bem como a relação entre as armas e os homens, a fim de se fazer um melhor emprego dos nossos recursos e da nossa tecnologia, cada vez mais aperfeiçoada.

Os efeitos da alteração Nunn, as duas brigadas mecanizadas suplementares, que serão estacionadas na Alemanha, e a reorganização das forças de combate da Alemanha, desempenham igualmente um papel relevante a este respeito; não podem porém compensar a tendência contínua que se está observando em alguns países da OTAN de reduzirem as suas forças e o seu potencial militar, diminuindo por consequência, a sua contribuição para a dissuasão e para a segurança de todos.

Os Soviéticos mantêm em dois anos a duração do serviço militar obrigatório dos seus soldados, o mesmo tendo feito a maioria dos seus aliados. Do ponto de vista militar, o serviço de 18 meses é considerado essencial para a preparação de um soldado pronto para o combate em formação, mas aparte os países da OTAN cujas forças são constituídas unicamente por voluntários, apenas três países aliados satisfazem a essa exigência mínima, e em alguns casos o período de serviço não é agora senão de 12 meses. Além disso, uma degradação progressiva dos recursos e dos esforços consagrados ao treino por certos países da OTAN não pode deixar de ter um efeito adverso sobre a eficácia militar da Aliança.

## AS FORÇAS AÉREAS

Passando agora às forças aéreas, o Pacto de Varsóvia tem aumentado em 13% desde 1969, as suas forças aéreas táticas na região central, e está em curso um extenso programa de reequipamento.

Graças a um programa paralelo para melhorar as bases aéreas avançadas, bem como o potencial ofensivo, defensivo e de meios de reconhecimento, as forças aéreas do Pacto serão em breve grandemente reforçadas. O aumento das possibilidades de defesa aérea dos seus exércitos, com o emprego de novos sistemas SAM, e a intensificação do treino polivalente a que se entregam os pilotos soviéticos, faz pensar que a defesa aérea poderá agora ser confiada mais às forças terrestres a fim de libertar os aviões para ataques ofensivos no solo, à frente destes exércitos.

Do lado da OTAN, o número de aviões táticos imediatamente disponíveis na Europa é provavelmente menos de metade daqueles de que dispõe o Pacto de Varsóvia e a capacidade superior de reforço da Aliança não pode ser devidamente explorada por serem os aeródromos vulneráveis e superlotados.

No decurso dos anos de 1960, a Aliança gozava de uma nítida superioridade no que diz respeito à qualidade dos seus aviões. Tem ainda os meios de se manter à frente no ponto de vista tecnológico, mas o esforço tremendo que os Soviéticos têm realizado nos últimos anos, simplificado pela sua capacidade de normalizar o material em todos os países do Pacto, permitiu-lhes alcançar o Ocidente e mesmo passar-lhe à frente em alguns aspectos. No entanto, os nossos programas de modernização, quando estiverem completados, conduzirão a melhoramentos na capacidade de ação das nossas forças aéreas e a entrada em serviço do avião de combate polivalente, bem como a recente decisão de quatro países de adquirir o caça F-16, traduzir-se-ão por uma maior comunidade de emprego. O caça-bombardeiro Jaguar entra atual-

mente em serviço e, no último ano, formaram-se na República Federal dois esquadrões de ataque de intervenção. Devemos, no entanto, impulsionar ativamente os nossos programas de melhoria dos aeródromos e devemos procurar adquirir um sistema de detecção longínqua e de conduta de operações de bordo, financiado e explorado pela Aliança, a fim de colmatar as lacunas da nossa defesa aérea no que se refere à detecção a baixa altitude.

## A SITUAÇÃO DAS FORÇAS NAVAIS

Gostaria agora de examinar brevemente a situação das forças navais. Em primeiro lugar, a tonelagem da frota dos Estados Unidos é largamente superior à das forças navais soviéticas, que incluem submarinos e barcos de defesa costeira antiquados. Porém, dito isto, não podemos ignorar o desenvolvimento espetacular nos últimos dezesseis anos, da frota soviética e dos seus componentes aéreos. O fato é que a União Soviética é hoje uma potência naval mundial, capaz de manter uma presença permanente de sessenta navios no Mediterrâneo e de vinte no Oceano Índico. Por ocasião da guerrada Yom Kippur os Soviéticos colocaram 95 navios no Mediterrâneo e no exercício Ocean 75 espalharam cerca de 200 navios e submarinos pelo mundo inteiro.

Na frota soviética do Norte, o número de submarinos de propulsão nuclear subiu, desde 1971, de 63 para 92, e o número de cruzadores e de destróiers lançamísseis passou de 8 para 19. Na minha opinião, estas realizações testemunham a importância que os Soviéticos atribuem ao corte das linhas vitais do Ocidente, entre a América do Norte e a Europa e entre a Europa e as regiões produtoras de petróleo. E isto está-se dando no mesmo momento em que alguns países da Aliança mostram tendência para reduzir os seus compromissos marítimos com a OTAN.

No decurso do recente exercício naval da OTAN, o exercício Ocean Safari, terá parecido que durante vários dias seguidos, cerca de 20 a 30 aviões navais soviéticos lançavam ataques simulados de mísseis contra as nossas forças, bem como ataques anti-submarinos. Isto fazia-se em suplemento das habituais manobras soviéticas de vigilância aérea e de superfície e de fiscalização do exercício.

É manifesto que os Soviéticos se estão tornando cada vez mais proficientes na condução e coordenação de ataques simultâneos por mísseis num meio marítimo. Sinto-me, porém, feliz por poder acrescentar que, segundo as primeiras avaliações, as nossas próprias forças de defesa aérea registraram um grande número de interseções, enquanto estavam ao mesmo tempo preocupadas com o seu próprio exercício.

No Mediterrâneo, a frota soviética carece ainda de apoio aéreo, mas alguns países do Oriente Próximo ou da África do Norte poderão talvez estar dispostos a conceder-lhe facilidades.

## AS ARMAS NUCLEARES

Não pretendo entrar aqui em pormenores sobre o equilíbrio nuclear. Quero apenas sublinhar que embora os acordos SALT pareçam traduzir-se por um certo grau de estabilidade no que respeita aos armamentos estratégicos, eles aplicam-se, essencialmente, bem entendido, ao número total de ogivas. Além disso, não deve esquecer-se que desde 1967 se tem mantido relativamente estável o número total de mísseis balísticos intercontinentais e de mísseis balísticos lançados por submarinos dos Estados Unidos; porém os Soviéticos têm mais do que quadruplicado as suas reservas a fim de atingirem a paridade com os Estados Unidos.

## O APOIO LOGÍSTICO

Sendo o apoio logístico uma parte vital da equação militar, mencionarei resumidamente a normalização e a interoperabilidade. A normalização da doutrina, dos armamentos e dos equipamentos soviéticos confere ao Pacto uma homogeneidade que simplifica o comando, as operações, o reabastecimento e a manutenção. Embora nós, na Aliança, tenhamos conseguido já alguns progressos notáveis a este respeito, há ainda domínios importantes em que pouco ou nada tem sido feito. Tal diversidade nos armamentos e nos equipamentos trava a cooperação internacional, compromete a flexibilidade de emprego e impõe sérios embaraços às nossas operações.

## CONCLUSÃO

Penso que esta breve análise revela uma tendência constante e significativa que deve suscitar preocupações. Do lado da OTAN, assistimos a uma diminuição gradual das nossas possibilidades convencionais de dissuadir um atacante e, se a dissuasão se malograr, de repelir um agressor. Ao contrário, o Pacto de Varsóvia, melhora firme e continuamente, tanto a qualidade como a quantidade dos seus arsenais, dos seus equipamentos e do seu treino, pondo cada vez mais o acento nas operações ofensivas.

As autoridades militares da OTAN procuram constantemente os meios de diminuir o custo e de aumentar a eficácia de combate das nossas forças e ainda de melhorar a flexibilidade do emprego dos nossos recursos, no intuito de colmatar esta brecha na nossa defesa. Há, porém, um limite para os expedientes e eu não necessito de sublinhar que a segurança dos nossos países assenta na presença das nossas zonas avançadas, na terra e no mar, de forças prontas para o combate, bem equipadas e bem treinadas.

É bem claro o que está em jogo. Se, mesmo em período de dificuldades econômicas, não estamos prontos para pagar o preço de uma vigorosa defesa coletiva convencional, então a nossa capacidade para nos defendermos será minada ao ponto de o recurso precoce às armas nucleares se tornar a única opção em termos de dissuasão.